

SVEUČILIŠTE U ZAGREBU

FILOZOFSKI FAKULTET

IVANA LUČIĆA 3

ODSJEK ZA ROMANISTIKU

KATEDRA ZA PORTUGALSKI JEZIK I KNJIŽEVNOST

## **DIPLOMSKI RAD**

# **Odnos između Present Perfect-a u engleskom i Pretérito Perfeito u portugalskom jeziku**

Student:

Tvrtko Ivanišević

Mentor:

dr.sc. Nina Lanović

Zagreb, prosinac 2018.

UNIVERSIDADE DE ZAGREB  
FACULDADE DE FILOSOFIA E LETRAS  
IVANA LUČIĆA 3  
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ROMÂNICAS  
CÁTEDRA DE LÍNGUA PORTUGUESA

## **TESE DE MESTRADO**

# **Relação entre Present Perfect em inglês e Pretérito Perfeito em português**

Estudante:

Tvrtko Ivanišević

Orientadora:

dr.sc. Nina Lanović

Zagreb, prosinac 2018.

UNIVERSITY OF ZAGREB

FACULTY OF PHILOSOPHY

IVANA LUČIĆA 3

SECTION OF ROMANCE LANGUAGES

DEPARTMENT OF PORTUGUESE LANGUAGE AND LITERATURE

## **GRADUATE THESIS**

# **Relation between Present Perfect in English and Pretérito Perfeito in Portuguese**

Student:

Tvrtko Ivanišević

Mentor:

dr.sc. Nina Lanović

Zagreb, December 2018

## ÍNDICE

1.	INTRODUÇÃO.....	1
2.	TEMPO E ASPECTO .....	3
2.1.	Tempo.....	3
2.2.	Aspecto.....	7
3.	PRESENT PERFECT .....	12
3.1.	Desenvolvimento histórico e relação com Simple Past .....	13
3.2.	Sentidos semânticos de Present Perfect .....	18
3.3.	Present perfect progressive.....	21
4.	PRETÉRITO PERFEITO .....	23
4.1.	Pretérito Perfeito simples .....	23
4.2.	Pretérito perfeito composto .....	25
5.	TRADUÇÃO DE PRESENT PERFECT EM INGLÊS PARA PORTUGUÊS.....	28
5.1.	Pretérito Perfeito .....	28
5.2.	Já + pretérito perfeito .....	29
5.3.	Acabar de + infinitivo .....	30
5.4.	Pretérito perfeito composto .....	30
6.	ANÁLISE COMPARATIVA DA TRADUÇÃO DE “ALL THAT REMAINS” DE PATRICIA CORNWELL .....	32
6.1.	Perfect de resultado .....	33
6.2.	Perfect de Experiência.....	36
6.3.	Perfect de Situação Persistente.....	38
6.4.	Perfect de Passado Recente .....	38
6.5.	Perfect progressivo.....	40
6.6.	Conclusão da análise .....	42
7.	CONCLUSÃO.....	43
	BIBLIOGRAFIA: .....	45

## 1. INTRODUÇÃO

Antes que eu era estudante de português eu era um aluno, um estudante e, em seguida, um professor de inglês. Durante todo esse tempo eu tive que trabalhar muito com o *Present Perfect*. Primeiro, como aluno, tive que aprender o que era o *Present Perfect* e como usá-lo na fala e na escrita, embora, na época, eu não conseguisse ver a necessidade de uma estrutura gramatical tão complexa para expressar coisas que eu estava a perceber como acções passadas simples. Quando cheguei à universidade e comecei a estudar inglês a sério, percebi que era, na verdade uma maneira bastante elegante de conectar acções e situações que estavam na fronteira entre o passado e o presente ou que tinham um impacto importante sobre o presente, embora tivessem acontecido no passado. Depois, quando comecei a dar aulas de inglês para crianças e adultos, tive que explicar aos meus alunos como o *Present Perfect* funcionava e por que era útil.

Nesse período aprendi que o antigo provérbio latino “Docendo discimus” é completamente verdadeiro. A melhor maneira de realmente aprender alguma coisa é tentar explicá-lo para outra pessoa. Isso nos faz pensar mais sobre as coisas que achamos que são perfeitamente normais porque se acostumamos a eles, e *Present Perfect* é uma daquelas coisas que a maioria daqueles que não falam inglês fluente não consideram normal. É claro que existem outras coisas que os alunos croatas de inglês acham difíceis de aprender, mas o *Present Perfect* de alguma forma continua sendo o que a maioria deles vai destacar como algo especial. Tentar explicar isso fez-me tentar obter uma melhor compreensão do mesmo e outros fenómenos de linguagem, que por sua vez levou a um interesse em linguística e outras línguas, em geral.

Esse interesse foi o que finalmente me direccionou para estudar a língua portuguesa e quando eu estive a procurar um tema para a tese final do meu curso, a minha atenção voltou, claro, para inglês. Não tinha certeza de como encaixar inglês numa tese para o estudo da língua portuguesa, mas através de conversas com a minha orientadora, nasceu uma ideia de uma análise comparativa de português e inglês, das duas línguas que ocuparam a maior parte da minha vida.

Depois de algumas considerações, optei pelo *Present Perfect* e os seus equivalentes em português. Porque essa parte específica da linguagem? Primeiro, porque eu sempre me interessei por isso e segundo por causa do facto de que é, como Santos observa, “...*probably the most studied tense and aspect device of English, because of its complexity.*” (Santos,

1996:449), o que significaria que há uma abundância de literatura disponível sobre este assunto. E eu não errei, há muitos trabalhos que examinam o *Present Perfect* em si e a forma como se reflecte em português, seja tentando ver como é traduzido da melhor maneira ou como usar a sua análise para descobrir novas maneiras de abordar os estudos linguísticos no língua portuguesa. No curso de minhas leituras, descobri também que falantes nativos de português tinham praticamente os mesmos problemas em dominar os tempos verbais e aspectos do inglês do que os falantes nativos do croata. Um deles é principalmente como incluir a ideia do *Present Perfect* em sistemas gramaticais mentais que não expressam tal categoria tempo - aspectual na mesma maneira, ou de maneira qualquer. O que não é de todo surpreendente, porque, ao ensinar ou aprender uma língua estrangeira, temos que ter em mente a realidade descrita por Slobin e Bocaz: “*As línguas diferem na sua orientação verbalizada das experiências o que implica seguramente a forma como o falante vê e recorta o mundo: a gramática nativa de um falante influenciará nas situações nas quais ele prestará atenção.*” (Slobin e Bocaz, 1989:17, apud Michaelis, 1998:1, apud Fonseca 2012:259)

O que queria fazer nesta tese é apresentar, em forma condensada, o *Present Perfect* em inglês com todas as suas peculiaridades e depois as formas pelas quais ele pode ser reflectido em português. Como a maioria das frases verbais que contêm o *Present perfect* são normalmente vistas e entendidas como frases que expressam acções passadas pelos falantes de português, o foco principal será em pretérito perfeito, por isso o título da tese é “A relação entre o *Present Perfect* em inglês e o Pretérito perfeito em português”. Após a descrição de todos os factos, tentarei ilustrá-los melhor aplicando-os a uma análise comparativa de texto de um romance de Patricia Cornwell “*All That Remains*” e a sua tradução em português com título “*Tudo o que resta*”.

## 2. TEMPO E ASPECTO

Para fazer uma análise do *Present Perfect*, ou qualquer outra categoria desse tipo, primeiro temos que dizer algumas coisas sobre o tempo e aspecto em geral. Ambos são termos importantes em qualquer gramática abrangente de uma língua, mas a terminologia própria e a maneira como é usada varia muito de acordo com as diferentes tradições linguísticas, escolas e teorias. Neste capítulo, tentarei dar uma breve visão geral do desenvolvimento histórico do seu estudo e estabelecer uma espécie de estrutura teórica que utilizarei na análise posterior dos textos escolhidos. O grande número de obras disponíveis sobre esse assunto fez escolher a informação pertinente para incluir nesta visão geral uma tarefa muito maior do que se pode imaginar quando se começa a preparar para a tese. Espera-se que se consegui fazê-lo sem reduzir demais o âmbito dos trabalhos utilizados.

### 2.1. *Tempo*

O **Tempo**, ou mais especificamente o tempo na língua, é uma categoria que as pessoas têm vindo a estudar desde o início do estudo da linguagem. Como Binnick diz no prefácio do seu livro "Tempo e o Verbo: Um Guia para o Tempo e Aspecto":

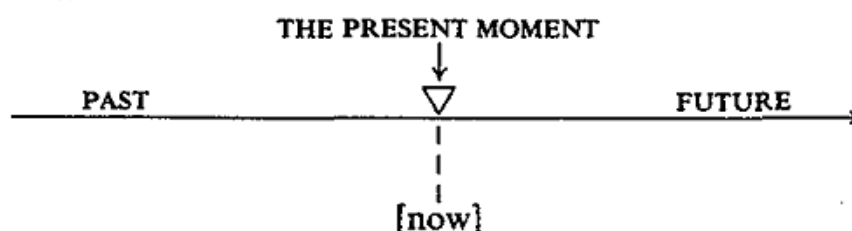
„The reader may be surprised to learn that tense has been studied for almost twenty-five hundred years, since at least the time of the ancient Greeks, and that hundreds of books and articles have been devoted to it in general, and thousands more to the tenses of particular languages. It is no contradiction to say that we know a very great deal about tense, but understand it little.” (Binnick, 1991:vii)

A sua observação parece completamente correcta. Como já mencionei antes, o volume de literatura sobre esse assunto é muito grande e pode parecer um pouco assustador para alguém que está a começar a estudar esse problema, e ainda assim parece não dar uma ideia completamente clara sobre o assunto.

O que podemos dizer com certa segurança é que, em inglês e em português, pensamos basicamente no tempo como uma progressão linear de eventos do passado para o presente e daí para o futuro. Como dizem Quirk, Greenbaum, Leech e Svartvik:

“First, in abstraction from any given language, time can be thought of as a line (theoretically, of infinite length) on which is located, as a continuously moving point, the present moment. Anything ahead of the present moment is in the future, and anything behind it is in the past.” (Quirk, Greenbaum, Leech e Svartvik, 1985:175)

Eles também apresentam isso numa forma gráfica em que podemos ver a relação entre o presente, passado e futuro:

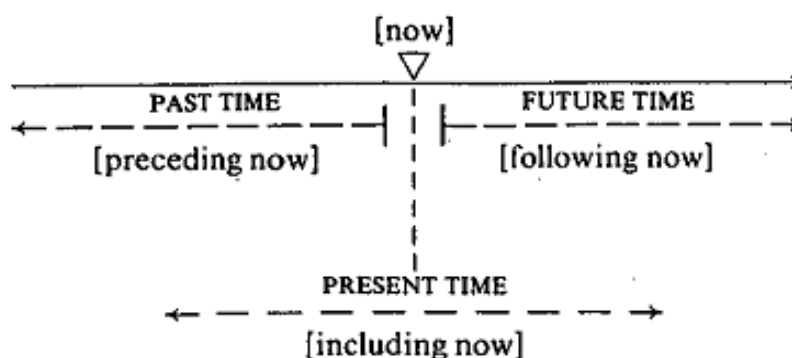


**Figura 1:** Nível Referencial (Quirk, Greenbaum, Leech e Svartvik, 1985:175)

Mas isso é só uma representação da interpretação do tempo num nível *Referencial*. O nosso uso da língua e a nossa experiência na vida mostra que esta visão do tempo é muito exclusiva. Por causa disso os autores oferecem um outro nível da interpretação, um nível *Semântico*.

“...something is defined as 'present' if it has existence at the present moment, allowing for the possibility that its existence may also stretch into the past and into the future.”(Quirk, Greenbaum, Leech e Svartvik, 1985:175)

Alguma coisa ou evento pode ser atual, mas também pode existir ou acontecer no passado e no futuro ao mesmo tempo, como podemos ver na Figura seguinte:



**Figura 2:** Nível Semântico (Quirk, Greenbaum, Leech e Svartvik, 1985:176)



Essa compreensão do tempo será muito importante quando se vai falar sobre o Present Perfect mais tarde.

No entanto, isso não é suficiente para entender a posição do falante no tempo, nem como ligamos os nossos enunciados que descrevem acções ou eventos para a linha do tempo. Por isso devemos escolher um momento com ponto da referência e esse ponto é normalmente o momento da enunciação, ou momento em que se fala. Como disse Oliveira, em *Gramática da Língua Portuguesa*:

“...a localização temporal é relativa e nessa medida há três momentos essenciais: o **ponto da fala (F)** que coincide com o momento da fala (ou da enunciação), o **ponto do evento (E)**, que diz respeito ao tempo do acontecimento descrito pela frase, e o **ponto da referência (R)** que serve como ponto intermédio a partir do qual se pode situar o evento (ou estado) descrito.” (destaque da autora) (Oliveira, em Mateus, 2003:131)

Esses pontos podem ajudar-nos fazer uma localização temporal não só como uma orientação na linha do tempo, mas também para ordenar informações sobre intervalos do tempo que frequentemente são incluídas nas expressões temporais. A autora nos dá os seguintes exemplos e suas explicações:

- “ (1) *A Maria vive no Porto.*  
(2) *O Pedro saiu.*  
(3) *O Pedro tinha saído quando a Maria telefonou.*”

Para o primeiro exemplo (1), a autora disse que o tipo de predicado e o tempo verbal permitem dizer que a situação descrita se sobrepõe, pelo menos parcialmente, ao tempo da fala, considerando-se que os três pontos são coincidentes. No segundo exemplo (2), a saída do Pedro se ocorre num tempo passado e por isso o ponto do evento é anterior ao tempo da fala. E no exemplo final (3), a autora propõe que as situações descritas nas duas orações são anteriores ao momento da fala, mas que a saída do Pedro se também ocorre anteriormente do que a telefonema da Maria, e por isso neste caso a oração temporal funciona como ponto de referência. (Oliveira, em Mateus, 2003:131)

Os tempos verbais usados nestas orações para determinar as posições no tempo são respetivamente o Presente (1), Pretérito Perfeito Simples (2) e Pretérito Mais-que-Perfeito (3), e eles fazem só uma parte do inteiro sistema dos tempos verbais em português que se estendem através da inteira linha do tempo mencionada anteriormente. Podemos dizer que o

tempo verbal localiza o tempo de uma situação em relação à situação do enunciado e por isso podemos descrevê-lo como *deíctico* (Comrie, 1976:2). Comrie continua a dizer que também podemos discernir tempos verbais *absolutos* e tempos verbais *relativos*:

“...all *related the time of the situation described to the present moment*. Such tenses are referred to as *absolute tenses*. Another possible form of time reference is *relative time reference* where, instead of the time of a situation being located relative to the present moment, *it is related to the time of some other situation*...In English, typically, *finite verb forms have absolute tense*, and *nonfinite verb forms have relative tense*.” (destaque meu) (Comrie, 1976:2)

Ainda assim, os tempos verbais não são a única maneira de expressar relações temporais. Na verdade, muitas vezes eles não nos dão informações suficientes para colocar uma situação na relação adequada com outras situações ou com a nossa posição no tempo, embora os advérbios ou expressões adverbiais de tempo e certas construções temporais tenham também essa função.

Também é importante notar aqui que o tempo verbal, como dissemos, localiza o tempo de uma situação em relação à situação do enunciado, mas também temos de localizar as relações temporais dentro de situação sobre as que falamos. E aqui temos de introduzir o conceito de aspecto-que vai ser abordado no capítulo seguinte.

## 2.2. *Aspecto*

A ideia do **Aspecto** é também presente desde os inícios do estudo da linguagem. Podemos ver os traços de teorias aspectuais nas obras de gramáticos romanos. Binnick dá um breve resumo de teoria descrita nas obras de Varro (que viveu 116 a.C. — 27 a.C.):

“Varro distinguishes pairs of *perfect and imperfect* tenses on the basis of the two types of stem found in Latin....

The perfect tenses designate actions which are complete at the time in question. The pluperfect, for example, represents an action complete by some time in the past and no longer ongoing at that time. The imperfect, on the contrary, represents an action incomplete at some point in the past. We find many authors therefore wrongly defining the imperfect as representing action extending into the present, which seemed to them to follow from the fact that the action was incomplete in the past.

Defined in this way, it is apparent that there is no very great difference between an action which was complete at a given point in the past and a (complete) action which had taken place prior to that point.”(Binnick, 1991:43)

A tradição Varroniana é muito importante ainda é muito importante até hoje porque as gramáticas da maioria das línguas do mundo, e especialmente das línguas indo-europeias, foram muito influenciadas pelas obras de gramáticos gregos romanos e antigos. A maioria deles foi modelada nessa tradição, que no final trouxe alguns outros problemas. Como Lyons avisa:

“Unfortunately, in the later development of the Greek-Roman grammatical tradition, which has influenced and in many respects distorted, the grammatical analysis of the majority of the world’s better known languages and the way they are taught in our schools and universities, the terms “perfective” and “imperfective”...came to be used in collocation with “tense”. Furthermore, the definitions of the so-called present, perfect, imperfect and pluperfect tenses, not only in Greek and Latin, but also in other languages, tend to obscure the difference between past vs. present vs. future, on the one hand and perfect vs. imperfect, on the other.” (Lyons 1977:704, apud Žic Fuchs, 2009:41)

Esta confusão, entre os tempos verbais / o tempo verbal e o aspecto, pode-se ver mesmo no inglês e português, especialmente nos nomes dos tempos verbais que não refletiram sempre as

categorias tempo-aspectuais corretas dessas formas verbais. Vai falar-se mais sobre isso nos capítulos dedicados para categorias específicas.

Mas mesmo com todas as diferentes visões sobre o aspecto em diferentes línguas e diferentes teorias aspectuais em diferentes tradições linguísticas, a descrição básica do que é o aspecto pode ser formulada e a maioria das fontes consultadas concordam com ele mais ou menos. Quirk, Greenbaum, Leech e Svartvik descrevem aspecto na maneira seguinte:

“The term ASPECT refers to a grammatical category which reflects the way in which the verb action is regarded or experienced with respect to time. Unlike tense, aspect is not deictic..., in the sense that it is not relative to the time of utterance. For some purposes, the two aspect constructions of English, the perfective and the progressive..., can be seen as realizing a basic contrast of aspect between the action viewed as complete (perfective), and the action viewed as incomplete, i.e. in progress (imperfective or progressive).” (Quirk, Greenbaum, Leech e Svartvik, 1985:189)

No entanto, os autores também dizem que isso está uma visão super simplificada, como fica claro assim quando observamos que esses dois aspectos podem-se combinar dentro de uma única frase verbal. Por isso eles deram o exemplo de oração “*I have been reading*” que é ao mesmo tempo perfeita e progressiva. De fato, os autores consideram que o aspecto está tão intimamente ligado no sentido com o tempo, que a distinção na gramática inglesa entre tempo e aspecto é pouco mais que uma conveniência terminológica que pode ajudar a separar em mente dois tipos diferentes de realização: a realização morfológica do tempo a realização sintática do aspecto. (Quirk, Greenbaum, Leech e Svartvik, 1985:189)

Como podemos ver eles adotam a visão tradicional, mas a parte importante é que fazem a distinção entre o tempo e aspecto verbal no nível deíctico: o tempo é deíctico e o aspecto não. A mesma distinção pode-se encontrar em Oliveira:

“...o Tempo linguístico é uma categoria relacional, quer seja deíctico quer seja anafórico, enquanto o Aspecto se centra na perspetivação interna, sem necessitar de se relacionar com outros elementos.” (Oliveira, em Mateus, 2003:129)

Comrie também destaca a diferença na maneira como o tempo verbal e aspecto relacionam com o tempo em geral:

“However, although both aspect and tense are concerned with time, they are concerned with time in very different ways. As noted above, tense is a deictic category, i.e. locates situations in time, usually with reference to the present moment, though also with reference to other situations. Aspect is not concerned with relating the time of the situation to any other time-point, but rather with the internal temporal constituency of the one situation; one could state the difference as one between situation-internal time (aspect) and situation-external time (tense).” (Comrie, 1976:5)

Klein utiliza o método semelhante dos acima mencionados pontos da referência para fazer a distinção entre tempo e aspecto. Ele propõe 3 tempos da referência: tempo do tópico da enunciação (*topic time* (TT)), tempo da situação (*time of situation* (TSit)) e tempo da fala ou da enunciação (*time of utterance* (TU)) (Klein, 1994:3). Usando deles define o tempo e aspecto:

- “ a). Tense concerns the relation between TT and TU.
- b). Aspect concerns the relation between TT and TSit – the way, or sometimes ways, in which some situation is hooked up to some TT.” (Klein, 1994:6)

Quirk, Greenbaum, Leech e Svartvik, como já podemos ver, também dizem que o aspecto se realiza no nível sintático e o tempo verbal no nível morfológico. Oliveira concorda, mas acrescenta:

“Em português, assim como em outras línguas, os tempos verbais podem também ser portadores de *informação aspectual*, sem que a distinção entre Tempo e Aspecto se possa fazer morfológicamente.” (destaque meu) (Oliveira, em Mateus, 2003:129)

Quer dizer que a informação aspectual pode ser a parte do nível morfológico e isso é importante porque indica que a distinção entre o tempo e aspecto não é tão clara, especialmente quando falamos sobre a categoria do *Perfect*. Outros concordam e dizem que temos dois tipos de aspecto: *aspecto gramatical* e *aspecto lexical*. Molsing por exemplo define estes dois tipos na maneira seguinte:

“Grammatical aspect, that which is *morphologically marked*, refers to the relation between reference time and event time.” (destaque meu) (Molsing, 2006:136)

“Lexical aspect is understood here as the inherent temporal information in verbs, verb phrases and simple sentences.” (Molsing, 2006:139)

Podemos ver que o aspecto gramatical se apresenta nas características morfológicas do tempo verbal e dá-nos informações sobre o tempo do evento e tempo da referência, e nas línguas como português pode ser portador de informações como o género e número. Aspecto lexical está as informações que podemos obter do sentido dos verbos e sintagmas verbais, em que se aumenta a noção das relações temporais com o uso dos advérbios do tempo ou outras palavras que modificam as características temporais da oração.

Uma análise mais profunda do aspecto precisa muito mais tempo e não seria possível encaixar encaixá-la em na nossa tese neste ponto. Entretanto alguns termos que podem ser úteis na análise posterior vão ser introduzidos agora. Para fazer isso vai-se usar a lista dos termos e propriedades normalmente associados na literatura ao aspecto apresentada por Spuldaro (2005:23):

Com limite	Sem limite
Télico	Atélico
Limitado	Não-limitado
Terminativo	Durativo
Perfectivo	Imperfectivo
Ponto final	Sem ponto final
Culminação	Não-culminação
Não homogéneo	Homogéneo

**Figura 3:** Lista dos termos e propriedades de aspectos (Spuldaro, 2005:23)

Nessa lista estão apresentadas oposições importantes dentro do âmbito do aspecto e vai-se dar uma breve exposição sobre eles:

- Télico* – *Atélico* - Télico quer dizer que a situação tem um ponto final natural ou planejado e Atélico não
- Limitado* – *Não-limitado* – situações que atingiram o limite temporal são limitadas
- Terminativo* – *Durativo* – orações que marcam se o evento/estado se terminou ou não

- d) *Perfectivo – Imperfectivo* - para essa oposição Spuldaro oferece a definição seguinte: “O aspecto perfectivo é empregado quando o falante olha a situação de fora, como algo que tem um começo e um fim, sem distinguir sua estrutura interna, enquanto que aspecto imperfectivo retrata a situação vista de dentro, descrevendo sua estrutura interna sem especificar o início ou o fim da mesma.” (Spuldaro 2005:24)
- e) *Ponto final - Sem ponto final* – ponto final é importante para definir as situações como télicos ou limitados, mas não tem de ser presente ou inerente. Spuldaro oferece exemplos “*correr uma maratona*” e “*tomar banho de sol*” em que a maratona tem um ponto final inerente na linha de chegada e no caso de “*tomar banho de sol*” o ponto final não está inerente mas depende dos outros elementos da frase. (Spuldaro 2005:25)
- f) *Culminação - Não-culminação* – quando falamos sobre o conceito de culminação, falamos de métodos para descrever um evento. Podemos descrever diferentes partes do evento ou descrevê-las de perspectivas diferentes. (Spuldaro 2005:25)
- g) *Não-homogéneo – Homogéneo* – eventos podem ser homogéneos ou não-homogéneos dependendo da estrutura interna do evento. Como Spuldaro disse: “Um evento é homogéneo quando não distingue suas fases internas, ou seja, quando qualquer parte do evento é da mesma natureza de qualquer outra parte do evento como um todo. Por exemplo, se uma pessoa cozinhou o jantar, mesmo que tenha efetuado pequenos intervalos, mesmo assim a acção de cozinhar ocorreu. Quando um evento é não-homogéneo é porque enfoca estágios desse evento, seu início ou até mesmo seu término, como é o caso de ganhar uma corrida, o que se refere ao ponto de culminação da corrida.” (Spuldaro 2005:26)

### 3. PRESENT PERFECT

Neste capítulo será apresentado um resumo breve sobre o *Present Perfect* em inglês. Tenta-se cobrir os fundamentos do seu uso, tanto historicamente quanto atualmente, o seu lugar e relação com outras categorias de linguagem, as dúvidas e problemas que parecem envolvê-lo e as teorias que tentam explicá-lo.

*Perfect* em inglês é uma categoria que recebeu uma imensa quantidade de interesse na linguística. Ö. Dahl enfatiza que—e no contexto da vasta literatura sobre o tempo e aspecto verbal, uma atenção especial foi dada ao perfect:

“The semantics of the categories labeled “Perfect” in e.g. English and Swedish belong to the most discussed problems in the theory of grammatical categories.” (Ö. Dahl, 1985:129, apud Žic Fuchs, 2009:38)

*Perfect*, como foi mencionado acima, pode se considerar um aspecto e como isso é aceite nas gramáticas. Por outro lado, *Present Perfect* é uma coisa mais complicada. As gramáticas do inglês têm diferentes definições da sua posição entre o tempo e aspecto verbal. Nos livros para a aprendizagem do inglês como língua estrangeira é sempre classificado como o tempo verbal e isso também foi verdadeiro para gramáticas mais velhas, como Žic Fuchs observa:

“Tako, ako posegnemo za starijim gramatikama engleskog jezika, *present perfect* ćemo gotovo u pravilu naći kategoriziran kao glagolsko vrijeme, kao primjerice u Jespersenu (1931, 1933) i Zandvoortu (1958). Novije obrade *present perfecta* češće govore o njegovoj aspektualnoj prirodi i svrstavaju ga u kategoriju aspekta u engleskom...” (Žic Fuchs, 2009:40)

Mas a autora também observa que nas gramáticas mais recentes a situação está mais complexa:

“... Thomson i Martinet (1988:106) u *A Practical English Grammar* svrstavaju *present perfect* u glagolska vremena, dok Leech i Svrtvik (1957:63-67) u *A Communicative Grammar of English* vide *present perfect* kao dio perfektivnog aspekta, ali uz napomenu da i glagolsko vrijeme i aspekt objedinjuju radnju glagola s temeljnim vremenskim odrednicama: prošlošću, sadašnjošću i budućnošću. Eastwood (1994) u *Oxford Guide to English Grammar* ne određuje se izravno prema pitanju je li riječ o glagolskom vremenu



i luči različitosti u uporabnim značenjima neposrednom usporedbom s engleskim perfektom (*simple past*).“ (Žic Fuchs, 2009:39)

Podemos ver que a situação está bem complexa e firmemente enraizada nas tradições tal como nas teorias. Podemos encontrar componentes do tempo e aspecto no Present Perfect e isso pode ser causa por confusão, mas à sua categorização gramatical precisa não está tão importante porque temos de prestar mais atenção aos seus significados.

### **3.1. *Desenvolvimento histórico e relação com Simple Past***

Não há provas concretas, mas acredita-se que o *Present Perfect* esteja presente desde antes dos traços escritos da língua inglesa. Como Elness detalha:

“Up until well into the Modern English period what became the perfect auxiliary alternated between a BE verb (WESAN, BEON) and HAVE (HABBAN); to begin with BE was the rule in intransitive constructions, HAVE in transitive ones.

In what can be assumed to have been the original construction BE or HAVE still had their main-verb force and the past participle was adjectival in meaning and function, acting as a complement of either the subject (in intransitive constructions with BE - as in "He is come.") or the object (in transitive constructions with HAVE - as in "He has the fish caught."). In early cases the adjectival character of the participle can be seen from the fact that it is often inflected for case/gender/number concord with the subject/object noun phrase; and in transitive constructions the participle frequently follows the object.

Gradually the main-verb function shifted from BE/HAVE to the following participle, whose loss of adjectival status was reflected in the fact that its concord inflection was more and more often dropped. This development was well under way by the time the earliest surviving texts were recorded.” (Elsness, 1997:239)

Como podemos ver esta construção, o verbo auxiliar com o particípio passado, parece muito semelhante às construções com a mesma forma em outras línguas indo-europeas, especialmente Latim. Latim nesse tempo já tinha a construção perfectiva perifrástica e alguns autores sugeriram que o desenvolvimento das construções semelhantes em línguas germânicas tinha sido influenciado por isso, mas os autores estão de acordo que foi um processo paralelo.

Entretanto alguns autores não descartem a hipótese que a presença do Latim poderia ter uma influência neste processo. (Elsness, 1997:245)

Mas por que o *Present Perfect* foi usado e como era diferente do pretérito (*Simple Past*)? Para esclarecer isso, vamos consultar Elsness de novo:

“The verbal system of Old English was much less complex than that of Modern English, consisting mainly of the two (inflectional) tenses, the present and the preterite. Hence the preterite performed most of the functions later taken over by the present perfect, the pluperfect and other periphrastic forms.

However, the simple present tense was used in some Old English constructions where the present perfect would be the expected verb form in present-day Standard English, with stative verbs expressing past time extending up to the deictic zero-point.” (Elsness, 1997:247)

Podemos ver que o presente funcionou no lugar do *Present Perfect* para expressar estados que duraram até o ponto da fala. Nas construções transitivas com *have* + particípio passado o verbo lexical *have* originalmente denotava um estado de posse. Portanto a frase “*I have my work finished*” em *Old English* (OE) designava que o trabalho está acabado e está em posse da pessoa (*I posses or have my work in a finished condition*) (Visser 1973:2819, apud Yao, 204:3). A partir desse exemplo podemos ver como o significado desta construção transformou-se de possessivo a *resultativo*. O facto de que “*tenho o meu trabalho acabado e na minha posse*” é claramente um resultado de trabalhar no passado e esse resultado está presente no momento da fala.

A ideia do que o significado *resultativo* das construções perifrásticas foi o ponto histórico do início do aumento do uso de *perfects* em inglês e outras línguas está também presente na obra do Slobin (1994). Ele propõe que podemos fazer um paralelo entre o desenvolvimento da língua em crianças e o desenvolvimento histórico da mesma língua. Ele estudou os diálogos entre mães e filhos para ver como as crianças adotaram o uso de *perfects* acima do pretérito. A conclusão dela é que crianças distinguiram entre o pretérito e *perfect* por causa da consequência (*consequence*). Quando as crianças têm de comparar orações em que a mãe usa pretérito e *perfect* no mesmo contexto eles perceberam que as orações em *present perfect* têm uma consequência imediata. Como Slobin disse:

“The present perfect focuses attention on the right boundary of an event as the point of departure for a subsequent event....The present perfect thus seems to have a pragmatic function of packaging sequences of clauses into an ‘event-consequence’ episode’.”  
(Slobin, 1994:123)

O mesmo processo parece acontecer na linguagem dos adultos da mesma maneira. As escolhas pragmáticas influenciaram a frequência do uso das categorias tempo-aspectuais. Isso pode ser difícil para documentar completamente porque essas mudanças aparecem primeiro na língua falada e depois são transferidas na língua escrita. Como Yao e outros autores afirmaram:

“The reason why speech—as opposed to writing—is of particular interest is that, first, grammatical differences across dialects have often been found to be more pronounced in speech than in writing (Biber 1995). Second, diachronic change is often found to occur first in speech before spreading to the written language (Leech et al. 2009:239).” (Yao, 204:3)

Hoje, isto não apresenta um grande problema porque com os média novos, como rádio, televisão e Internet, podemos recordar e observar estes fenómenos como eles acontecem em tempo real. Quando fazemos pesquisas linguísticas diacrónicas temos de usar corpora históricos, frequentemente das obras literárias, estilisticamente marcados, que poderiam nos dar informações erradas ou não suficientemente objetivas.

Dito isso, a pesquisa diacrónica pode nos ajudar a ver como algumas formas de linguagem se relacionam umas com as outras ao longo dos anos. Naturalmente, a relação entre *simple past* e *present perfect* é o mais interessante para este tema. A mesma relação que podemos observar na perspectiva mais largo das outras línguas Indo-europeus.

Dissemos anteriormente que as construções perifrásticas que servem como *perfect* são comuns nas línguas românicas (como Espanhol e Francês) e também nas línguas germânicas (como Alemão ou línguas escandinavas). Embora elas aparentemente se tenham desenvolvido de forma independente, parecem seguir o mesmo padrão no seu uso e progresso. Para entender o processo temos de definir alguns termos. **Aorist** ou *preterite* (como estamos a falar sobre inglês e português podemos dizer tempo passado simples (ou *Simple Past*)) normalmente é um tempo verbal que se usa para acções que se aconteceram e acabaram no passado. **Present perfect** (também neste caso podemos dizer tempo passado composto

(*Compound Past*)) por outro lado desenvolveu-se como um tempo ou aspecto verbal que se usa para acções e estados que aconteceram no passado, mas influenciaram o presente ou já não acabam no momento da fala. Parece que as duas categorias são competidoras na mesma área semântica, porque ambas detalham acções que se acontecem no passado, porque a ligação com o presente parece ter um significado secundário. Muitos autores falam sobre essa “competição” e determinaram que as línguas costumam passar através do que eles chamaram “*aoristic drift*” (Harris, Squartini e Bertinetto, et al.) ou uma tendência do *perfect* de assumir o papel do *aorist* e com tempo substituí-lo completamente. Esse processo vai-ser abordado mais pormenorizadamente para as línguas românicas e vai ser tratado nas partes posteriores do deste trabalho.

O inglês também aparentemente começou tal processo, mas os estudos (Elsness, Yao) mostram que ele parou e está até mesmo a reverter com o passar do tempo. Elsness disse que em inglês, também, a frequência do presente perfeito foi aumentando consistentemente desde os seus primórdios em inglês arcaico (*Old English*) através de inglês médio (*Middle English*) até o início do período de inglês moderno (*Modern English*), pelo menos, enquanto a frequência do pretérito foi diminuindo. (Elsness, 1997:1) Mas na sua análise dos corpora contemporâneos e históricos chega às seguintes conclusões:

“Our investigation shows that generally the frequency of the preterite is several times that of the present perfect. It also confirms that there is a distinct British/American English difference: the present perfect is more frequent in British than in American English, the preterite is more frequent in American than in British English. The evidence is overwhelming in all the three major parts of the investigation....There is thus overwhelming evidence for the conclusion that within the Modern English period the increase in the ratio between the present perfect and the preterite has not only been arrested but reversed as far as American English is concerned, and also considerable evidence to suggest that the ratio has started to decrease even in British English.” (Elsness, 1997:353)

O autor explica que o seu conclusão de que a frequência do presente perfeito atingiu o pico e que esta forma verbal está agora perdendo terreno para o pretérito, está baseado em algumas das construções do *present perfect* que estão registadas em inglês moderno anterior, onde o presente perfeito às vezes se combina com especificadores do passado em uma maneira que não parece aceitável no inglês atual. Ele também disse que outra evidência é fornecida pela

grande variedade de ancoragem indireta observada para o pretérito no inglês, e no caso do inglês americano, especialmente o número considerável de formas de pretérito não especificadas que se usam para referir a novo tempo na secção contemporânea daquela variedade, uma indicação de que a exigência de que o pretérito deve ser acompanhado por algum tipo de ancoragem no passado pode ser enfraquecida no inglês contemporâneo, especialmente no caso da variedade americana. (Elsness, 1997:353)

Ele confirmou a sua tese que o *Present Perfect* em inglês não segue as tendências que são prevalentes em outras línguas germânicas ou românicas (línguas românicas, especialmente latim e francês têm um impacto grande no desenvolvimento do inglês). Ele oferece a explicação seguinte:

“Since the development of the present perfect and the preterite in Modern English breaks with the general tendency, it calls for a language-specific explanation. We have attributed it to two factors: (i) in informal, spoken English the present perfect auxiliary HAVE usually appears in a highly reduced form; and (ii) with the vast majority of verbs in Modern English, including all regular verbs, the form of the past participle is identical with that of the preterite, in both speech and writing. The combined effect of (i) and (ii) is that with most verbs the difference between the form of the present perfect and the form of the preterite is slight in present-day English, especially in informal speech, which explains why in a long-term perspective the distinction may eventually be lost.” (Elsness, 1997:353)

Como já dissemos anteriormente o fator decisivo nas tendências linguísticas, como nos todos línguas tão nas aquelas demonstradas, aparece a língua falada, especialmente a língua do registro informal. A língua escrita, especialmente no registro formal, tende a ser mais resistível às mudanças. Elsness menciona que no corpus das obras científicas o *perfect* não está a perder terreno para *preterite* tão rápido como em outros corpora, mas que isto é só uma das cinco categorias que ele estudou. (Elsness 1997:341)

Aqui também temos de mencionar algumas tendências do uso do *Present Perfect* no inglês contemporâneo que Elsness notou e que vai ser visíveis na análise:

- a) Primeiro, a negação (*negation*) que na sua opinião contribui muito para a subida do *present perfect* no rácio do *present perfect/preterite* em inglês contemporâneo. O uso da negação com *present perfect* não está presente em inglês arcaico (*Old English*) e

inglês médio (*Middle English*) mas aparece no início do inglês moderno (*Modern English*) e está em ascensão desde então. (Elsness, 1997:343) Yao concorda com ele e disse que a tendência mais forte do *present perfect* para aparecer em contextos negativos é uma das mudanças significativas no uso contemporâneo. (Yao, 2014:1)

- b) Segundo, uso do *present perfect* nas construções passivas está na posição semelhante. *Present perfect passive* também não se usava nos períodos iniciais do desenvolvimento da língua, mas aparece no período moderno e aumenta até hoje quando fica bem acima da média. (Elsness, 1997:343)

A pesquisa de Elsness mostra que os processos que se ocorrem na língua não são sempre previsíveis e que os dados podem surpreender e perturbar teorias aceitadas. Também, as conclusões dele são importantes para este trabalho porque o livro usado para construir o corpus é escrito em variante Americana do inglês e isso vai ser importante na análise mais tarde.

### 3.2. *Valores semânticos de Present Perfect*

Como já dissemos o sentido do *Present Perfect* em inglês, não importa se é considerado um tempo ou um aspecto verbal, sobrepõe-se ao sentido do pretérito ou passado simples como um meio para expressar acções ou estados passados. Embora compartilhem uma parte de sentido, temos de fazer uma distinção importante entre eles. O pretérito usa-se para referir às acções ou estados passados que acabam completamente enquanto o *present perfect* designa algo no passado com o impacto para o presente. Usualmente se diz que ele tem uma relevância actual (*current relevance*). A maioria dos autores concorda com isso mas também acham que a relevância actual não é suficiente para determinar o sentido do *present perfect* na sua totalidade. Quirk, Greenbaum, Leech e Svartvik dizem isto de maneira seguinte:

“...‘past with current relevance’ is not an adequate description of the meaning of the perfective aspect. Yet when we concentrate on the present perfective, there is indeed reason for such a description: *the present perfective differs from the simple past in relating a past event/state to a present time orientation*. Thus in situations (which are not unusual) where either the present perfective or the simple past can be appropriately used, it is generally felt that they are not interchangeable, but that the present perfective

relates the action more directly to the present time.” (destaque meu) (Quirk, Greenbaum, Leech e Svartvik, 1985:192)

Os autores consideram que a ligação com o presente é precisamente o que dá o carácter distintivo para a categoria do *present perfect*. De acordo com isso eles propõem que podemos distinguir três sentidos básicos que *opresent perfect* expressa (Quirk, Greenbaum, Leech e Svartvik, 1985:192):

“ (a) STATE LEADING UP TO THE PRESENT

That house *has been* empty for ages.

*Have you known* my sister for long?

(b) INDEFINITE EVENT(S) IN A PERIOD LEADING UP TO THE PRESENT

Have you (ever) *been* to Florence?

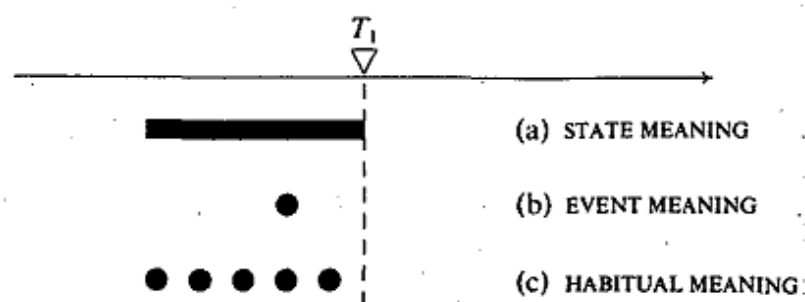
All our children *have had* measles.

(c) HABIT (i.e. recurrent event) IN A PERIOD LEADING UP TO THE PRESENT

Mr. Terry *has sung* in this choir ever since he was a boy.

The province *has suffered* from disastrous floods throughout its history.”

Todas estas orações podem ser feitas com o passado simples mas o uso do *present perfect* codifica não só que um estado é verdadeiro mas que o estado continua no presente, como nos exemplos em (a), que uma acção se acontece num período até o presente mas num tempo indefinido, como em (b), e que algumas acções se repetiram muitas vezes no período passado mas que se também se estende para o presente, como em (c). Tudo isto é ilustrado graficamente de maneira seguinte:



**Figura 4:** Sentidos do *present perfect* (Quirk, Greenbaum, Leech e Svartvik, 1985:193)

T<sub>1</sub> representa o tempo da oração e nas três linhas podemos ver o estado contínuo até o presente, acção passada ou acções habituais no passado (mas o hábito persiste até o presente).

Outros autores falam sobre outros sentidos do *present perfect*, embora a maioria destes sentidos sejam, mais ou menos, só refinações ou subcategorias de alguns sentidos básicos. A categorização dos sentidos de *present perfect* mais citada é aquela do Bernard Comrie do seu livro “*Aspect*”, publicado em 1976. A visão de que o *present perfect* é um aspecto peculiar formou a base para muitas obras nas últimas quatro décadas. Ele propõe que o *present perfect* tem quatro usos ou valores semânticos: *Perfect of Result*, *Experiential Perfect*, *Perfect of Persistent Situation*, *Perfect of Recent Past*. Segundo Comrie estes sentidos podem ser definidos de maneira seguinte (Comrie, 1976:56-60):

- a) *Perfect of Result* (ou *Perfect de Resultado*) – um estado presente é referido como sendo o resultado de alguma situação passada. Exemplo “*I have had a bath.*” implica que o falante tomou um banho e está limpo, ou pensa isso, até o momento da fala.
- b) *Experiential Perfect* (ou *Perfect de Experiência*) - indica que uma determinada situação foi realizada pelo menos uma vez durante algum tempo no passado que antecedeu o presente. Exemplo “*Bill has been to America.*” queria dizer que o Bill esteve em America pelo menos uma vez durante a sua vida.
- c) *Perfect of Persistent Situation* (ou *Perfect de Situação Persistente*) - o uso do *perfect* para descrever uma situação que começou no passado, mas continua (persiste) até o presente. Exemplo “*We’ve lived here for ten years.*” implica que nós vivemos aqui por dez anos e que ainda estamos a viver aqui.
- d) *Perfect of Recent Past* (ou *Perfect de Passado Recente*) - a relevância atual da situação passada referida é simplesmente de proximidade temporal, isto é, a situação passada é muito recente. Exemplo: “*Bill has just arrived.*” implica que o Bill chegou há pouco tempo. Mas este tempo pode ser muito subjetivo para o falante, porque como Comrie observa o *perfect* não implica necessariamente que a situação passada seja recente, porque a relevância atual não implica necessariamente recência.

Podemos ver que Comrie fala sobre quatro sentidos em vez de três mencionados anteriormente, mas que todos os sentidos também estão relacionados com o presente. O conceito da relevância atual (*current relevance*) aparece como um ponto comum na maioria das teorias sobre os significados ou usos do *present perfect*, mas muitos dos autores não se



concordam qual é o sentido da relevância atual. Alguns disseram que a relevância atual tem só um sentido universal que se pode aplicar a todos os usos de *present perfect* e outros dizem que a relevância atual tem um sentido diferente em cada uso. (Žic Fuchs, 2009:135)

Como já dissemos há muitas mais classificações dos significados do *present perfect* e não podemos apresentá-los todos, mas vamos dar um breve resumo de um outro que pode nos ajudar na análise do corpus. Santos (1996) dá uma classificação baseada na obra do Görel Sandström com influências de Comrie. Esta classificação consiste em cinco sentidos ou usos. Vamos enumerá-los e dar alguns comentários como se relacionam à terminologia proposta por Comrie:

- a) *resultative perfect*(*perfect resultativo*) - a mesma categoria como o perfect do resultado de Comrie.
- b) *existential / experiential perfect* (*perfect da existência ou experiência*) – também a mesma categoria como na classificação de Comrie.
- c) *perfect of recent past or hot news perfect* (*perfect de passado recente*) – em muitas teorias o nome *hot news perfect* está usado para esta categoria porque, como o Comrie nota, quando a notícia é importante ou tem um sentido especial para o falante ou audiência pode-se tratar como recente ainda que tenha ocorrido no passado mais remoto.
- d) *universal perfect* (*perfect universal*) - Sandström e outros autores chamam o perfect de situação persistente de Comrie *universal* ou *continuous*
- e) *perfect progressive* – (*perfect progressivo*) que Sandström põe no perfect universal, mas Santos separa numa categoria individual porque corresponde ao pretérito perfeito composto em português

### 3.3. *Present perfect progressive*

Aqui temos de dizer algo sobre o *present perfect progressive*. O adjetivo *progressive* no nome vem de um aspecto progressivo, um aspecto que, também chamado durativo ou contínuo (*Durative or Continuous*) indica um evento em progresso no tempo determinado pela frase, mas tem outras características. Como dizem Quirk, Greenbaum, Leech e Svartvik:

“The meaning of the progressive can be separated into three components, not all of which need be present in a given instance:

(a) the happening has DURATION

(b) the happening has LIMITED duration

(C) the happening is NOT NECESSARILY COMPLETE

The first two components add up to the concept of TEMPORARINESS.” (Quirk, Greenbaum, Leech e Svartvik, 1985:198)

O progressivo em inglês pode ter um impacto semântico bastante grande nas frases em que é usado. Existem usos normais e outros que se podem considerar não-normais porque não são típicos, formais e informais, mas aqui vamos destacar só o uso com *present perfect*:

“...the perfective progressive, as well as the simple perfective, can be used to refer to a state leading up to the present:

I *have sat* here for over two hours.

I *have been sitting* here for over two hours.

Speakers differ, however, in judging how to choose between the constructions of [1] and [2]. Some speakers feel that [2] suggests a more temporary state, whereas others feel there is little to choose between the two variants. There is also sometimes a feeling that [1] is different from [2] in implying that the 'sitting' is concluded at the present moment, while [2] implies that the posture may well continue into the future. “(Quirk, Greenbaum, Leech e Svartvik, 1985:206)

## 4. PRETÉRITO PERFEITO

Neste capítulo vai-se tratar o Pretérito perfeito em português. Como no caso do *Present perfect* em inglês vai-se tentar dar um resumo breve do tempo verbal, do seu significado e alguns pontos do desenvolvimento histórico. Uma atenção especial vai-se prestar ao Pretérito perfeito composto porque corresponde em parte ao *Present perfect* visto que ambos são construções semelhantes e por isso interessantes para comparação, embora que compartilham só uma parte menor do sentido.

### 4.1. *Pretérito Perfeito simples*

Primeiro vamos discutir o pretérito perfeito simples. Pretérito perfeito simples é um tempo gramatical do passado que se foi tradicionalmente considerado um tempo perfectivo, mas, dado que não altera necessariamente o valor aspectual da predicação, esta classificação é questionada nas interpretações mais recentes. O perfeito no nome só indica que está em oposição com imperfeito no português e não que porte os sentidos típicos para *perfect* nas outras línguas. Oliveira dá a definição seguinte com exemplos:

“O pretérito perfeito é claramente um tempo do passado, *embora não seja perfectivo na medida em que não se determina na maior parte dos casos a existência de um estado consequente*. E, no entanto, sempre terminativo, isto é, marca um momento em que um estado ou um evento terminou, *podendo só nos casos em que há culminação inferir-se um estado consequente como em (13) e (14): “a carta está escrita” e “a corrida esta ganha”*. Vejam-se os seguintes exemplos:

- (12) A Maria esteve doente.
- (13) A Maria escreveu a carta.
- (14) A Maria ganhou a corrida.
- (15) A Maria correu.

Embora o ponto de perspectiva temporal seja tipicamente o tempo da enunciação, o *Pretérito Perfeito pode também em alguns casos articular-se com um tempo posterior*:

- (16) Quando a Maria voltar da viagem daqui a um mês, *já o Rui concluiu* o curso há uma semana.

Quando ocorre uma sucessão de frases no Pretérito Perfeito. Estamos perante uma sucessão de eventos e neste caso considera-se que cada uma das ocorrências serve de ponto de referência para a seguinte, como em (17).

- (17) A Maria entrou no gabinete, cumprimentou os colegas e sentou-se à secretária.”  
(destaque meu) (Oliveira, em Mateus, 2003:156)

Como podemos ver da definição e exemplos todos os eventos ou estados exprimidos com o uso do pretérito perfeito terminam no passado, mas com eventos e estados que têm um ponto final podemos inferir um resultado do evento que pode ter uma relevância actual. No exemplo (13) “*A Maria escreveu a carta*” sabemos que a carta está escrita e isso pode ter um sentido perfectivo tal como nos sentidos exprimidos com *Present perfect* em inglês, por exemplo sentidos de *perfect de resultado* ou *hot news perfect*.

O exemplo (16) também é interessante para o sentido perfectivo porque inclui a construção: *já + pretérito perfeito*. *Já*, um advérbio temporal, em combinação com pretérito perfeito pode marcar o sentido do *perfect de resultativo* (Santos 1996, Sarić, 2009) e por isso pode dar um sentido perfectivo ao pretérito perfeito (embora em exemplo (16) o sentido é mais comparável com o sentido exprimido com *future perfect* em inglês).

Esta combinação também pode exprimir o *perfect de experiência*, como podemos ver em Santos (1996):

„*Já* also signals indefinite, at least once, experience, as in the first example. However, *já* can only be used if it also implies present relevance. Thus: *Já viste a exposição?* (‘Have you seen the exhibition?’) can only be uttered if the exhibition is still there to be seen. If it no longer is, *já* is not felicitous. “(Santos, 1996:449)

A combinação com *já* também pode exprimir o sentido perfectivo da experiência nos outros casos, mas com algumas limitações. Por exemplo, quando estamos a descrever uma experiência que se repete ou um evento que ocorre várias vezes e queremos dizer que o número das repetições tem um sentido diferente de que só dar o número deles, fazemo-lo porque gostamos de alguma coisa muito ou quer dizer que somos um perito em algo por causa de muitas repetições, podemos destacar isso com *já*. Mas se quisermos destacar o número em si vamos usar o pretérito perfeito. Podemos ver essa situação em exemplo fornecido por Santos: “(*Já*)li a Guerra e Paz cinco vezes. “(Santos, 1996:449)

#### 4.2. *Pretérito perfeito composto*

Pretérito perfeito composto em português apresenta uma categoria com características particulares que o distingue de construções semelhantes nas outras línguas. Em português o pretérito perfeito composto está limitado em seu uso mais do que outros *perfects*. Como disse Oliveira:

“Com efeito, este tempo não marca perfectividade, mas uma duração que tem início (não claramente determinado) no passado e perdura no presente, à qual, consoante o tipo de situação e a construção em que ocorre, está associada uma leitura de *iteratividade*, por vezes apoiada por expressões adverbiais. Esta peculiaridade do português só se observa se o auxiliar se encontrar no Indicativo, pois no Conjuntivo a leitura altera-se, embora a anterioridade se verifique em relação a um ponto de perspectiva temporal (passado, presente ou futuro) consoante os casos.” (destaque da autora) (Oliveira, em Mateus, 2003:142)

Os sentidos de iteração e duração é algo que todos os autores concordam ser típico nas leituras do pretérito perfeito composto, como no exemplo seguinte:

*O Pedro **tem estado** doente.* (Amaral e Howe, 2009:329)

Nesse exemplo podemos na verdade aceitar tanto a leitura durativa como a leitura iterativa. Iterativa porque o Pedro pode ter sido doente em intervalos, e pode ser ou não deve ser doente no presente, e a durativa porque a doença dele começou no passado e continua até o presente. A leitura durativa é bem estabelecida em línguas românicas e outras línguas com *perfect*. No outro lado a leitura iterativa não é tão comum e por isto é muito interessante para linguistas.

O pretérito perfeito composto também não está compatível com a interpretação resultativa e não pode ser usado para estados presentes com a relevância atual que são resultados dos eventos recentes:

*Onde está a Ana? \*Está aqui: a Ana **tem chegado**.* \* (Amaral e Howe, 2009:390)

Também não se usa para eventos que se acontecem só uma vez e acabaram, senão o evento repetiu algumas vezes ou múltiplos eventos se ocorrem no mesmo intervalo, mas não simultaneamente:

a) \*O animal **tem morrido** nesta rua.\*

b) Muitos animais **têm morrido** nesta rua. (Amaral e Howe, 2009:390)

Tem de incluir o tempo da oração no seu intervalo e por isso não está compatível com modificadores que não inclui-lo:

*Até agora/\*Até ontem\*, **tenho andado** no mundo de cabeça levantada.* (Amaral e Howe, 2009:391)

Para explicar porque o pretérito perfeito composto em português tem uma posição específica vamos dar um breve resumo histórico. A construção do Pretérito perfeito composto chega das construções em latim com *habēre* que exprimiram o sentido possessivo. *Ter*, de Latim *tenēre*, funcionava na mesma maneira e também exprimia o mesmo sentido. No início do uso destas construções usaram-se ambos:

“At least until the 16th century, both verbs *haver* and *ter* occurred in the periphrastic construction with the past participle in Portuguese, with *ter* eventually becoming the auxiliary for the PPC....Wigger (2004) observes that while *haver* occurs almost categorically with past participles in the 15th century, this distribution is reversed by the 17th and 18th centuries, where *ter* is clearly the dominant choice in these constructions (2004:178).” (Amaral e Howe, 2009:394)

Mas ao lado de usar o auxiliário diferente do que outras línguas românicas, o pretérito perfeito composto em português não se conforme ao seu parte suposto em processo que se supostamente acontece nas todas línguas românicas e que alguns autores consideram o já mencionado “*aoristic drift*”. „*Aoristic drift*“ fala sobre a distribuição dos tempos passados nas línguas românicas com respeito a relação entre o passado simples (*aorist*) e passado composto (*Simple Past* e *Compound Past* (Squartini e Bertinetto, 2000)). A ideia proposta por Harris (1982) está que um processo existe nas línguas românicas (e outros depois usaram essa ideia para descrever a situação semelhante nas outras línguas) em que o passado composto está a assumir gradualmente o lugar e os sentidos do passado simples. Como Squartini e Bertinetto descrevem ele supõe isso como quatro etapas de desenvolvimento:

“STAGE I: the CP is "restricted to present states resulting from past actions, and is no used to describe past actions themselves, however recent" (some Southern Italia vernaculars)

STAGE II: the CP occurs "only in highly specific circumstances" such as contexts "aspectually marked as durative or repetitive" parallel to English *I have lived here /been*

*living here all my life; I have often seen him at the theatre* (Galician and Portuguese, many varieties of American Spanish)

STAGE III: the CP expresses "the archetypal present perfect value of past action with present relevance" (Castilian Spanish; some varieties of *langue d'oïl* and *langue d'oc*)

STAGE IV: the CP also expresses the preterital or aoristic functions, while the SP is restricted to "formal registers" (Standard French, Northern Italian, Standard Romanian)“ (Harris 1982, apud Squartini e Bertinetto, 2000:406)

Ele põe o português na etapa dois e acha que isto é só uma etapa na gramaticalização das construções de passado composto. Mas outros autores não acordam com isso em geral e especialmente para o português. Por exemplo Amaral e Howe consideram que o pretérito perfeito composto em português exemplifica um desenvolvimento distinto daquele observado em outras línguas românicas. Eles fizeram uma pesquisa diacrónica e concluíram que o pretérito perfeito composto em português já se usou nos outros sentidos do *perfect* antigamente e depois desenvolvimento semântico atingiu o sentido atual. Eles corroboraram isso com exemplos de corpus histórico, onde a leitura não é iterativa ou é ambígua:

*Com isto **tenho dito** do sal o que me preguntastes (TB, 16th century)* (Amaral e Howe, 2009:391)

Em conclusão desta parte podemos dizer que, embora alguns autores considerem o pretérito perfeito composto em português um equivalente do *present perfect* em inglês, está claro que não é muito semelhante e não é usado da mesma maneira, o que vamos ver mais melhor na análise da tradução.

## 5. TRADUÇÃO DE PRESENT PERFECT EM INGLÊS PARA PORTUGUÊS

Nesta parte vai se dar uma enumeração breve dos tempos verbais e construções mais típicas que se usam na tradução de *Present perfect* em inglês para português, com alguns exemplos.

### 5.1. *Pretérito Perfeito*

Vamos começar com a mais comum que é tradução de *present perfect* com pretérito perfeito. Embora muitos autores em geral conectam o *present perfect* em inglês com o presente, por causa da sua relevância atual ou o facto que os estados e eventos descritos usando *present perfect* podem continuar e depois do momento da oração/ponto da fala, o *present perfect* faz parte do sistema dos tempos que descrevem o tempo passado. O carácter aspectual de *perfect* dele é que o coloca no presente, mas em maioria dos casos eventos são firmemente em passado. Mas isso não está a única coisa que possibilita a tradução com pretérito perfeito. Como James A. Algeo disse no seu artigo sobre o pretérito perfeito em português:

“In Portuguese the preterite form *cantou* may have a preterite or present perfect meaning”  
(Algeo, 1976:194)

O problema desta interpretação é que o sentido de *perfect* do pretérito perfeito não é uma parte explícita da forma verbal. Normalmente, pode-se atualizar com advérbios ou outros elementos da frase. Como Monteiro, Neves e Rodrigues concluíram:

“...which thus indicated that the PERFECTIVE is much less characterized in Portuguese. From this conclusion we can suggest that predications with the PRETÉRITO PERFEITO are more ambiguous when not explicated by means other than the verb itself.” (Monteiro, Neves e Rodrigues, 1980:137)

Quer dizer que o aspecto de *perfect* não é a parte de morfologia do pretérito perfeito e outros meios da língua estão necessários para exprimir o sentido do perfect, especialmente o sentido da ligação ao presente. Maneschy (2007), em seguida da teoria de tradução de J.C. Catford, propõe que é possível fazer uma análise comparativa dos traços de situação comuns e divergentes em traduções de inglês para português para determinar como se relacionam o



sistema verbal e noção gramatical de aspecto destas duas línguas. Para um exemplo escolhe a relação entre present perfect e pretérito perfeito. Ela dá uma representação gráfica desta relação:

Inglês	Traços relevantes de situação	Português
I	← - - - - - <i>-Falante - - - - -</i>	→ Eu (opcional)
	← - - - - - <i>-Chegada - - - - -</i>	→
have arrived	← - - - - - <i>-Fato anterior- - - - -</i>	→ cheguei
	← - - - - - <i>-Fato ligado ao presente</i>	
	<i>Aspecto perfectivo- - - - -</i>	→

**Figura 5:** Análise comparativa de present perfect e pretérito perfeito (Maneschy, 2007:172)

Na análise de traços relevantes de situação em exemplos “*I have arrived*” e “*Eu cheguei*” ela concluiu que duas diferenças maiores em sentido entre os dois formas está no facto que o *present perfect* dá um sentido ligado ao presente e que o pretérito perfeito expressa um aspecto perfectivo que marca que o acção está acabado no ponto da fala. Aqui se precisa mencionar que ela propõe termos “*aspecto perfectivo*” e “*aspecto perfeito*”(Maneschy, 2007:174-175), onde o perfectivo está o aspecto concluso, que em português é normalmente marcado com perfeito como em pretérito perfeito, e o perfeito o aspecto que neste tese se chama *perfect* na terminologia seguinte do inglês.

Em conclusão pode-se dizer que o pretérito perfeito pode encaixar só alguns sentidos do *present perfect* mas está mais do que suficiente para exprimir eventos que concluíram antes do momento da fala. Por isso o sentido dele pode se aumentar e modificar com outros elementos.

## 5.2. Já + pretérito perfeito

Como já dissemos, para atingir os outros sentidos do *present perfect*, temos de modificar o pretérito perfeito com o outro elemento da frase. O mais comum destes elementos é o já

mencionado advérbio de tempo - *já*. *Já* pode-se combinar com pretérito perfeito para realizar o sentido experiencial como no exemplo de Santos (1996:449):

“*He has been to Paris -> já esteve em Paris*”

Ela também menciona que isto está sujeito a algumas limitações, já mencionadas anteriormente, mas que no corpus de traduções com que ela trabalhava isto é o único sentido que ela pôde verificar.

A construção com *já* também pode-se usar para exprimir o sentido resultativo, como nos exemplos (Santos, 1996:449):

“*He has arrived -> já chegou*” “*I’ve had dinner -> já tinha jantado*”

ou Sarić (2009:3):

“*Parker has brought out the drinks...*” -> “*Parker já trouxe as bebidas*”

### 5.3. *Acabar de + infinitivo*

Esta construção perifrástica de verbo auxiliar *acabar* no pretérito perfeito ou presente, preposição *de* e o infinitivo exprime o sentido recente em português (Sarić, 2009:5). Mas também marca um fim, culminação de uma acção ou processo culminado. Como no exemplo de Santos (2006, 450):

“*He has just arrived -> acabou de chegar or acaba de chegar*”

ou Sarić (2009:5):

“*...I have only just met him.*” -> “*Acabo de o conhecer.*”

### 5.4. *Pretérito perfeito composto*

Como foi mencionado anteriormente, o pretérito perfeito composto está uma construção de português mais semelhante em sua forma ao *present perfect*, mas com suas particularidades não se pode usar para tradução na maioria dos casos. Por causa do seu sentido durativo ou iterativo inerentes usa-se para exprimir as acções ou eventos que abrangem um período desde passado até o presente (Sarić, 2009:4):

“...; *but it is what Dorian Gray has been to me.*” -> “...mas e precisamente o que *Dorian Grey tem sido para mim.*”

Santos (2006:451) disse que o pretérito perfeito composto em forma progressivo se usa nos casos do que ela chamava *perfect progressive* onde respondeu ao *present perfect progressive* relativamente direito:

“*We’ve been reading this book*->*temos estado a ler este livro*”

Mas também nota que no caso do *stative predicates*, o *present perfect progressive* corresponde ao preterito perfeito composto não progressivo:

“*We’ve been living here ever since* - >*temos vivido aqui desde essa altura*”

A forma progressiva neste caso também está possível no português, mas é mais marcada e exprime mais temporaneidade do que no inglês. (Santos, 2006:451)

## 6. ANÁLISE COMPARATIVA DA TRADUÇÃO DE “ALL THAT REMAINS” DE PATRICIA CORNWELL

Neste capítulo vai-se fazer uma análise comparativa de um corpus que se consistia dos textos de um romance de Patricia Cornwell “*All that Remains*” em inglês e a tradução dela em português com o título “*Tudo o que resta*” que foi traduzido pela Lucinda Santos Silva. O objectivo da análise é observar como se o *present perfect* com as suas formas e sentidos reflecte em português.

Para isso foi necessário procurar e marcar todas as instâncias do *present perfect* em texto inglês original e as suas formas correspondentes na tradução em português. Para não ficar sobrecarregado na análise pelo número de resultados encontrados e para poder processá-los melhor apenas os cinco primeiros capítulos do romance foram usados na análise final. As instâncias encontradas de *present perfect* foram então colocadas em uma tabela onde foram agrupadas por forma e sentido.

Formas isoladas foram o *present perfect* e *present perfect progressive*. Em procura das instâncias usa-se o método do isolar o verbo auxiliar *have* em presente no texto inglês e depois eliminar todos os casos que não conformaram com a forma procurada. As instâncias do *present perfect passive* também foram encontradas, mas não fizeram a parte da análise principal.

Como já foi mencionado anteriormente o aspecto na frase realiza-se na forma do verbo, mas também em relação com outros elementos da frase e por isso tenta-se apresentar todas as instâncias de *present perfect* em inglês e as suas traduções em contexto de frases completas originais. Quando uma frase complexa com mais de um exemplo de *present perfect* foi encontrada não foi dividida em partes por causa de conservar o contexto mais largo.

Para a análise de sentidos nesta tese escolhe-se a classificação dos sentidos baseado nas classificações propostas por Comrie (1976) e Santos (2006). Quer dizer que à classificação do Comrie foi adicionada a quinta categoria isolada por Santos. Em fim, as seguintes categorias do sentido foram usadas:

- a) *Perfect de resultado*
- b) *Perfect de Experiência*
- c) *Perfect de Situação Persistente*

d) *Perfect de Passado Recente*

e) *Perfect progressive*

A análise vai ser agrupada por estas categorias e por cada categoria vai-se dar um comentário com exemplos como foram traduzidas para o português.

No curso de procura, foram identificadas **91** frases que incluíram as formas pesquisas de *present perfect* e *present perfect progressive*. O *present perfect* foi encontrado em **85** frases e o *present perfect progressive* em **6** frases. Duas frases complexas têm ambas formas incluídas.

O *present perfect passive*, que não foi incluído na análise principal, encontrou-se nas **18** frases, alguns delas frases complexas junto com o *present perfect*. Também 7 frases em que a forma não se podia verificar com certeza foram encontradas. Elas não serão mencionadas nesta análise, porque isso iria além dos limites de assunto da tese.

### **6.1. *Perfect de resultado***

O primeiro sentido analisado vai ser o sentido resultativo ou perfect de resultado. Isto sentido relaciona se aos eventos no passado cujos resultados influenciaram o presente ou dão-lhe alguma qualidade especial. Neste texto podem se identificar **48** frases com *present perfect* usando nesse sentido.

Mais comuns são verbos télicos que descrevem acções completadas por falante próprio, por exemplo *I've seen, I've heard, I've read* como nos seguintes exemplos:

- 1) *Based on everything **I've heard and read**, you don't have any goddam findings.*

*Com base em tudo o que **ouvi e li**, a senhora não chegou absolutamente a conclusão nenhuma.*

- 2) *As **I've said**, the bullet didn't exit.*

*Como lhe **disse**, a bala não saiu.*

- 3) *"According to what **I've read**," she pushed, "you were present at every scene, called there by the police."*

*Segundo o que li - insistiu ela -, a senhora esteve presente em todos os locais, chamada pela Polícia.*

Como pode-se ver nestes casos os resultados das acções passadas tem uma clara relevância atual. O falante no exemplo (1) referencia as suas acções no passado, múltiplas ocasiões da leitura e ouvida, que podemos inferir são conectadas com o momento da fala e por resultado tem a sua noção do que a outra pessoa está a fazer ou não fazer. No exemplo (2) o falante se refere na sua oração no passado para reforçar a sua posição. Como no exemplo (1) o falante no (3) quer dizer que como um resultado dos seus acções, também a leitura, tem um conhecimento do que a outra pessoa estava a fazer. As traduções são feitas só com o pretérito perfeito porque temos acções que terminaram no passado e o sentido perfectivo pode-se só inferir porque não está explicitamente marcado com nenhum elemento da frase.

Pode-se também isolar frases onde o *present perfect* usa-se para referir às acções que são completadas, mas não por falante, mas uma outra pessoa, como nos exemplos:

- 4) “Nothing. No sign of them. Bob has joined the search parties; I’m home.”

*Nada. Nenhum sinal deles. Bob juntou-se às equipas de busca. Eu estou em casa.*

- 5) I’m fairly certain she’s already deposited it.

*Tenho quase a certeza de que já o depositou.*

- 6) “My point,” Wesley went on patiently, “is that she’s made her share of enemies, especially when it comes to the efforts she’s directed at various charities.”

*O que eu quero dizer - prosseguiu Wesley, pacientemente -, é que ela já fez uns quantos inimigos, sobretudo no que se refere às acções desenvolvidas contra organizações humanitárias.*

No exemplo (4) o falante relata que a terceira pessoa fez alguma coisa no passado e por isto não está presente no momento da fala. Em (5) o falante não pode ser certo, mas acha que alguém fez alguma coisa antes de presente. Em (6) o falante relata o que são resultados das acções no passado, a terceira pessoa tem inimigos agora por causa deles. Em tradução podemos notar que no exemplo (4) se usa só o pretérito perfeito e nos outros dois exemplos a construção *já + pretérito*. Em ambos exemplos (5 e 6) o advérbio *já* se usa para enfatizar anterioridade ou o facto que o evento se aconteceu antes de momento da fala.

Exemplos interessantes são também aqueles em que o present perfect está usado no contexto negativo ou por negação:

- 7) “Marino hasn’t changed.”

O Marino não mudou nada.

- 8) “Coast is clear so far,” she observed, switching off the ignition. “Haven’t passed a single patrol car, unmarked or otherwise, in the last twenty miles.”

A costa está livre, até ver – comentou ela, desligando o motor. - Não passou um único carro-patrolha, civil ou dos outros, nos últimos trinta e dois quilómetros.

- 9) Not one shoe or sock has turned up.

Não apareceu um único sapato ou meia.

Aqui pode-se ver que não fazer alguma coisa também pode ter um resultado que pode influenciar o presente. Em (7) o sujeito não fazia nada para mudar e por isso e mesmo agora como fui antigamente. Em (8) a acção de guiar sem encontros com a polícia produziu o resultado de “a costa livre” no presente. Em (9) sapatos e meias eram esperados, mas não se apareceram e por isso não existem no presente, mas são importantes. Em tradução temos também pretérito perfeito em todos os exemplos. Mas que está interessante para notar que em (9) a construção que podemos ver não pode existir sem o sujeito evidente “*I/We haven’t passed...*” mas no registro informal este sujeito pode ser elido para “*Haven’t passed*”. A tradutora não percebeu que o verbo se refere aos protagonistas ou decidiu transferir o foco para o outro sujeito, em neste caso “o carro-patrolha”. Neste caso o sentido geral não se muda muito, mas temos de notar que a tradutora poderia ter feito alterações mais significantes nos outros lugares.

Como se pode ver nos exemplos referidos a maioria das frases que exprime o sentido do perfect de resultado foram traduzidas com pretérito perfeito, em **33** frases, com *já + pretérito perfeito*, em **8** frases, e temos **4** outros exemplos onde o *present perfect* foi traduzido com presente, só uma frase, e tempos no modo conjuntivo que não foram incluídos nesta análise, **3** frases.

## 6.2. *Perfect de Experiência*

O segundo sentido analisado vai ser o sentido de perfect de experiência. Esse sentido está também o sentido segundo mais exibido no corpus com **20** frases encontradas em que se aparece. A maioria deles são frases protótipos que incluem advérbios como *never* e *ever*:

- 10) My boy's never been drunk in his life, much less taken drugs!

O meu filho nunca na vida se embebedou, quanto mais tomar drogas!

- 11) "My Debbie has never taken drugs," she continued, blinking back tears.

A minha Debbie nunca se drogou - prosseguiu ela, pestanejando para conter as lágrimas.

- 12) Has she ever betrayed you before?

Ela já alguma vez a traiu?

- 13) Fred was one of the nicest guys I've ever met.

Fred era um dos tipos mais simpáticos que eu já vi.

Nestes exemplos pode-se ver que os advérbios *never* e *ever* sinalizam mais claro que isto é o sentido da experiência. O tempo antes do momento da fala abrange toda a existência do falante ou sujeito até o presente. A tradução está consistente nas todas instâncias em corpus, **11** frases, e foi feita com *nunca* + pretérito perfeito para *never* e *já* + pretérito perfeito para *ever*.

Também pode-se encontrar exemplos onde o sentido da experiência não é expresso por advérbios, mas pode-se inferir no contexto:

- 14) "I've done that once or twice myself," I admitted.

Eu própria já fiz isso uma ou duas vezes - admiti.

- 15) It's hard to explain, but when you've seen enough military guys, it gets to where you can pick 'em out.

Não sei explicar bem, mas quando já se viu muitos tropas uma pessoa começa a topá-los bem.



Em (14) o falante diz que já fez algumas coisas uma ou duas vezes e com essa informação e a ausência do adverbio de tempo pode-se concluir que o sentido era “*uma ou duas vezes (na vida)*”. Em (15) também pode-se inferir que o falante queria dizer “*quando já se viu muitos tropas (na vida)*” porque não alguns outros limitações do tempo referido. Para tradução pode-se ver que também está consistente e fiz se com *já + pretérito*.

Aqui pode-se destacar exemplos em que está bem visível não só o sentido da experiência, mas também o aspecto durativo da frase:

- 16) **I’ve been** rather preoccupied, to say the least, and I don’t have anything to release at this point.

*Sem querer exagerar, **tenho andado** muito atarefada, e nesta altura não tenho nada a comunicar.*

- 17) “**She’s been** very aggressive,” Wesley said, “succeeded in getting convictions on some of the worst in the lot, **has been** instrumental in getting important bills passed, **has withstood** death threats, and several years ago even had her car bombed—”

Ela **tem sido** muito agressiva - disse Wesley - conseguiu condenar alguns dos maiores traficantes, **tem tido** um papel decisivo na aprovação de leis importantes, **suportou** ameaças de morte e, há uns anos, até lhe puseram uma bomba no carro...

O falante em (16) quer dizer que estava preocupado pelas muitas coisas durante o período que não está determinado por um advérbio temporal ou outro elemento da frase mas que esta situação se estava a passar por alguma quantidade de tempo desde que não pode terminar o seu trabalho. O aspecto durativo também significa que para a tradução a melhor escolha esta o pretérito perfeito composto, como se pode ver. Em (17) temos uma frase complexa com muitas frases em sequência. As frases que tem um aspecto durativo traduziram se com pretérito perfeito composto e a frase em que a leitura pode ser terminativa, “*ela suportou ameaças de morte (mas agora não há mais deles)*” usa se o pretérito perfeito simples.

Como se já disse, nesta parte há **20** frases do que **11** incluíram os advérbios *ever* e *never* . Estas frases são traduzidas com a combinação de advérbios *já* e *nunca* com pretérito perfeito. Em **3** mais podemos encontrar *já + pretérito perfeito*, em **2** pretérito perfeito composto e em **4** tempos como pretérito imperfeito e mais-que-perfeito que não fizeram parte nesta análise.

### 6.3. *Perfect de Situação Persistente*

Em corpus encontra-se só dois exemplos do sentido de perfect de situação persistente e ambos serão apresentados aqui:

- 18) “What? **You’ve lived** around here for four, five years and never heard of northern aggression?”

*O quê? **Já cá vive** há quatro ou cinco anos e nunca ouviu falar da invasão nortista?*

- 19) *If you don’t count the fact that the homicide rate in Washington **has tripled** since I moved up here.*

*Se não levarmos em conta que o índice de homicídios em Washington **triplicou** desde que me mudei para cá.*

Ambos exemplos são típicos para o perfect de situação persistente e descrevem uma situação que começou no passado, mas continua (persiste) até o presente. Exemplo (19) usa a preposição *since* para definir o intervalo do tempo em que se acontece o evento. Em português usa-se pretérito perfeito, mas também como a preposição *desde* que corresponde em total ao sentido do *since*. Exemplo (18) está muito mais interessante porque podemos ver mais uma possibilidade para exprimir o passado em português. Usa-se o verbo *há*, forma de o verbo haver na 3.<sup>a</sup> pessoa do singular do presente do indicativo, quando se refere a tempo passado. Em combinação com isso e advérbio do tempo *já* podemos usar o presente do indicativo do verbo principal para exprimir uma situação persistente.

### 6.4. *Perfect de Passado Recente*

O perfect de passado recente, ou *hot news perfect*, não aparece nos muitos exemplos em corpus na forma típica. Em total aparece em **15** frases, mas a maioria deles não está prototípica para esse sentido. Normalmente usa-se quando se exprime um evento que se acontece no momento muito próximo a tempo presente e está acompanhado por o advérbio *just*. No texto existem só duas instâncias disso:

- 20) “What **I’ve just told** you must never go outside this room,” Mrs. Harvey said.

*O que **acabei de contar-lhe** deve ficar só entre nós - disse Mrs. Harvey.*

- 21) “You’ve just described Tony to a T,” I said.

Ora aí está uma descrição exacta do Tony - comentei.

No (20) temos uma situação típica, o falante se refere ao algo que se acontece muito perto do momento da fala, que está acentuado por o advérbio *just*. Na tradução portuguesa pode-se ver a construção *acabar de + infinitivo* que foi mencionada anteriormente com uma dos meios típicos para exprimir o sentido do passado recente. O exemplo (21) está também uma oração típica em inglês com o mesmo sentido como (20), mas a tradução em português está feito com uma expressão idiomática em presente que está a acentuar que o evento não se acontece só no passado, como o ato da fala, mas existe no presente como algo que corresponde à verdade e por isso tem relevância atual.

Mas que pode se encontrar no corpus em maior número são exemplos onde pode-se ver o sentido do passado recente em contexto negativo ou com interrogações:

- 22) “Has Mrs. Harvey gotten here yet?” he asked.

Mrs. Harvey já cá chegou? - perguntou.

- 23) “We haven’t even opened the doors yet.”

Ainda nem sequer abrimos as portas.

- 24) At least we haven’t seen anything like that yet, not from looking through the windows.

Pelo menos ainda não vimos nada que se pareça, olhando pelas janelas.

- 25) “Has she contacted you again? Uh, recently?”

Ela contactou-a outra vez? Quer dizer, recentemente?

- 26) “I haven’t heard from her,” I replied curtly.

Não tive notícias dela - respondi, friamente.

Em contexto negativo, (23) e (24), pode-se inferir que o sentido exprimido é do passado recente porque se trata de acções que deveria acontecer no tempo pouco antes de oração. Em português frases foram traduzidas com pretérito perfeito e o advérbio ainda que pode tem o sentido do passado mais recente. Exemplos (25) e (26) podem-se analisar juntos porque são

partes do mesmo diálogo. O primeiro falante, em (25), perguntou se alguém contactou o ouvinte e imediatamente adiciona um esclarecimento que queria saber se isso aconteceu recentemente. No (26), a outra pessoa respondeu que não teve notícias, mas é claro que queria dizer no tempo recente ou desde de última conversa. Em traduções portuguesas pode se ver pretérito perfeito nos ambos casos.

Mais um exemplo interessante é:

27) *She looks as if **she's aged** ten years in the last week.*

*Parece **ter envelhecido** dez anos nesta última semana.*

Aqui o sentido do acontecimento recente exprime se com o uso do adverbial “*in the last week*” em inglês ou “*nesta última semana*” em português. O que é interessante é que na tradução portuguesa usa se o infinitivo pessoal composto para indicar o acção passado já concluído.

O que se pode ver destes e outros exemplos no corpus é que o sentido do passado recente exprime se mais em orações negativas e interrogativas do que positivas. De **15** frases a maioria está traduzida com o uso de pretérito perfeito, **9** frases, e outros **6** com construções e tempos diferentes como *andar de + infinitivo*, infinitivo pessoal composto, expressões idiomáticas, presente etc.

### 6.5. *Perfect progressive*

O último sentido que se exprime com *present perfect* está perfect progressive. Isso usa se para acentuar que o evento está em progresso no tempo determinado pela frase. Como nos exemplos:

28) “***I've been keeping up** with your byline,” I told her.*

***Tenho acompanhado** os seus artigos - disse-lhe.*

29) “*Ever since the agents came to see me, peculiar things **have been happening**.*”

*Desde que os agentes vieram falar comigo, **têm acontecido** umas coisas estranhas.*

Como pode se ver nestes exemplos o perfect progressive exprime se com *present perfect progressive* e denota que o acção em (28) está em progresso até o presente ou que eventos em

(29) se aconteceram em sequência até o presente. Em português isso está traduzido com pretérito perfeito composto que acentua o aspecto durativo ou iterativo.

Mas também temos exemplos onde só o pretérito perfeito composto aparece não suficiente para exprimir o aspecto durativo e usa-se o pretérito perfeito composto numa construção perifrástica para acentuar o aspecto progressivo:

30) “***I’ve been trying*** to get you, am heading out. You’ll have to try my pager...”

***Tenho estado a tentar*** apanhá-la, já estou de saída. Vai ter de ligar para o meu pager...

31) Wesley went on, “Mrs. Harvey ***has been gathering*** evidence to prove that ACTMAD ***has been serving*** as a front for a drug cartel and other illegal activities in Central America.”

Wesley prosseguiu: — Mrs. Harvey ***tem andado a recolher*** provas de que a CAMCCD ***tem servido*** de fachada a um cartel da droga e outras actividades ilegais na América Central.

Como há só mais dois exemplos do perfect progressive pode-se apresentá-los:

32) ***I’ve been doing*** some investigating, and the reactions ***I’ve gotten*** from the beginning are odd.

***Fiz*** umas pesquisas e as reacções que ***obtive***, desde o princípio, foram esquisitas.

33) The cases ***have been going on*** for two and a half years, and you may know less than I do.

Os casos ***arrastam-se*** há dois anos e meio, e se calhar sabe menos que eu.

Nestes dois últimos exemplos pode-se ver bem como o tradutor pode escolher acentuar o aspecto durativo ou não. No exemplo (32) a leitura da iteratividade perde-se completamente na tradução. Em inglês o falante parece tentar dar a impressão que está a fazer pesquisas e não acabou no momento de fala e em português pode-se ter a impressão que as pesquisas são completas e não se aconteceram no presente. Exemplo (33) está mais um exemplo onde se usa a construção com *há + presente* para exprimir que algo se acontece no período passado que se determina com um adverbial do tempo, e neste caso aparece ter um aspecto iterativo.

## 6.6. Conclusão da análise

Depois de fazer uma análise comparativa de um corpus que se consistia dos textos de um romance de Patricia Cornwell “*All that Remains*” em inglês e a tradução dela em português pode se concluir que a análise afirma a maioria dos factos que foram expressidos em parte teórica da tese.

O tempo verbal mais usado na tradução do *present perfect* para português é pretérito perfeito que se usa em 65 de 91 frases encontradas, e daqueles 32 vezes em conjunto com o advérbio *já*. O pretérito perfeito composto usa se só em 6 frases com um claro aspecto durativo ou iterativo, e a construção *andar de + infinitivo* só uma vez.

O que pode ser interessante para outras análises em futuro são outras construções que foram usadas na tradução e são fora de assunto desta tese. O que pode se analisar, talvez num corpus mais grande, é como a expressão dos sentidos como dúvidas, desejos e outros influencia a escolha dos tempos e outras categorias tempo-aspectuais.

Dos sentidos de *present perfect* pode-se encontrar todos que foram seleccionados para análise. A proporção deles no corpus está em conformidade com resultados das pesquisas que foram citados na parte teórica da tese. A maior parte do texto do romance está escrita em *simple past* que se pode antecipar numa história narrativa. O que é interessante é que quase todos os exemplos das frases com *present perfect* não se encontram no texto de narrativa mas em diálogos entre protagonistas ou monólogos internos deles.

Também deve se notar que o *present perfect* se usa no contexto negativo ou para exprimir a negação em 15 de 91 frases analisadas, que é 16,5 % de todas instâncias. Isto, com o número de instâncias de *present perfect passive* encontradas, aparece de suportar a pesquisa do Elsness (1997) em relação da frequência de uso do *present perfect* em inglês contemporâneo.

## 7. CONCLUSÃO

Esta tese examinou a relação entre o *present perfect* em inglês e o pretérito perfeito em português. Na primeira parte, uma breve visão geral das categorias mais importantes para este estudo, o tempo e o aspecto, foi dada tanto para o inglês quanto para o português. Fazer uma visão geral de duas línguas lado a lado só é possível devido ao fato de que ambas as línguas compartilham uma origem comum e fazem parte do mesmo património cultural da Europa. Também a compreensão das categorias de tempo e aspecto em ambas as línguas foi influenciada pela gramática latina e pelas mesmas teorias linguísticas dos séculos XIX e XX. Como é visível a partir dos fatos delineados nessa parte, é muito difícil encontrar a distinção apropriada entre o tempo verbal e o aspecto. Tempos verbais sempre também carregam informações aspectuais e algumas das construções para que se pensou que só levam informação aspectual podem ser vistas como mais ou menos completamente gramaticalizadas, confundem ainda mais a fronteira entre tempo e aspecto.

Nessa fronteira é onde podemos encontrar o *present perfect* em inglês e outras construções perifrásticas como ele em outras línguas, incluindo o pretérito perfeito composto em português. Na segunda e na terceira parte da tese, um breve resumo foi dado sobre a história dessas construções, com ênfase especial no presente perfeito em inglês, devido ao grande corpo de pesquisa e literatura sobre o assunto. A relação entre essas construções e os tempos flexionais foi brevemente discutida e quais são os principais usos deles do ponto de vista semântico, tanto diacronicamente quanto sincronicamente. Pode-se concluir que eles são parte do mesmo sistema de tempos e meios gramaticais de expressar a relação entre o passado e o presente. No entanto, os sistemas de fazer isso em inglês e português são muito semelhantes de alguma forma e bastante diferentes em outros. Por causa disso, eles não podem ser simplesmente copiados uns para os outros quando se queria fazer uma tradução.

A parte seguinte da tese mostra as categorias mais comuns na tradução de *present perfect* do inglês para o português. Quatro deles foram descritos em relação a como eles ajudam a transferir os muitos sentidos expressados pelo presente perfeito. Esses quatro são: *pretérito perfeito*, *construção de pretérito perfeito* e o *advérbio já*, *pretérito perfeito composto* e a *construção de “andar de” com infinitivo*. Nenhum deles pode abranger todos os sentidos do *present perfect*, mas cada um deles geralmente corresponde a um ou mais desses sentidos de uma maneira previsível e regular.

A parte final da tese é feita a partir de uma análise comparativa de um corpus de instâncias de uso do *present perfect* em texto de um romance e suas formas correspondentes na tradução em português. O romance do qual o corpus foi construído é o "*All That Remains*", de Patricia Cornwell. A base para a análise foram os cinco sentidos do presente perfeito retirados das obras de Comrie (1976) e Santos (1996). Os sentidos usados na análise são seguintes:

- a) *Perfect de resultado*
- b) *Perfect de Experiência*
- c) *Perfect de Situação Persistente*
- d) *Perfect de Passado Recente*
- e) *Perfect progressivo*

A análise confirmou as teorias contidas nos trabalhos dos autores citados nas quatro primeiras partes da tese sobre as proporções, distribuição e as formas mais comuns de tradução dos sentidos dados. Mas também abriu algumas questões interessantes, como a relação entre sentidos diferentes e a sua sobreposição, e deu algumas ideias para pesquisas no futuro.



## BIBLIOGRAFIA:

Algeo, James E., “*The Portuguese Present Perfect*”, em *Luso-Braslian Review*, Vol. 13, No.2, p.194-208, University of Wisconsin Press, 1976.

Amaral, Patrícia & Howe, Chad, “*Detours along the perfect path*”, em *Romance Linguistics 2009: Selected Papers From The 39th Linguistic Symposium On Romance Languages (Lsrl)*, Tucson, Arizona, March 2009, John Benjamins Publishing Company, Amsterdam/Philadelphia, 2009.

Binnick, R.J., *Time and the Verb: A guide to tense and aspect*, Oxford University Press, Oxford, 1991.

Comrie, Bernard., *Aspect: an introduction to the study of verbal aspect and related problems*, Cambridge University Press, Cambridge, 1976.

Cornwell, Patricia, *All that Remains*, 1992., edição: Pocket Star Books, paperback edition, 2009.

Cornwell, Patricia, *Tudo o que resta*, tradução: Lucinda Santos Silva, Editorial Presença, Lisboa, 1998.

Elsness, Johan, *The perfect and the preterite in contemporary and earlier English*, Mouton de Gruyter, Berlin, 1997.

Fonseca, M. M., “*Descrição Da Oposição Present Perfect Vs. Simple Past*”, em *Cadernos de IL*, n. 44, p. 259-277, Instituto de Letras da UFRGS, 2012.

Klein, Wolfgang, *Time in Language*, Routledge, London, 1994.

Maneschy, V. B., “*A análise aspectual do present perfect e do pretérito perfeito à luz da teoria de tradução de J. C. Catford*”, em *Cadernos de Tradução*, v.2, n.20, p. 165-180, Florianópolis

Molsing, Karina Veronica, “*The Tense and Aspect of the Present Perfect in English and Portuguese*”, em *Revista Letras*, Curitiba, N.69, p.133-156, Editora UFPR , 2006.

Monteiro, D.C., Neves, M.H.M., Rodrigues, S.V., “*The Perfective Aspect in English and Portuguese: A contrastive study on Semantic Basis*” , em *Alfa* 24, p. 137-148, São Paulo

Oliveira, Fátima, „*Tempo e Aspecto*“, em Mateus, M.H.M. et. al., *Gramática da Língua Portuguesa*, 5ª edição, Caminho, Lisboa, 2003.

Quirk, Randolph, Sidney Greenbaum, Geoffrey Leech & Jan Svartvik., *A Comprehensive Grammar of the English Language*, Longman, New York, 1985.

Santos, D., *Tense and Aspect in English and Portuguese: A contrastive semantical study*, Tese de doutoramento, Universidade Técnica de Lisboa, 1996.

Sarić, Daliborka, „*Portugalski perfekt(i) u tipološkoj perspektivi*“, em Hyeronimus 2/1, Zagreb, 2009

Slobin, Dan. I., „*Talking Perfectly: Discourse Origins of the Present Perfect*“, in *Perspectives on Grammaticalization*, John Benjamins Publishing Company, Amsterdam/Philadelphia, 1994.

Spuldaro, Eliane Rauber, *A aquisição de distinções aspectuais em Português como segunda língua por falantes nativos de Inglês: o exemplo dos pretéritos perfeito e imperfeito*, dissertação (Mestrado em Letras) – Curso de Pós-graduação em Letras, Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2005.

Squartini, Mario & Marco Bertinetto, „*The simple and compound past in Romance languages*“, em Östen Dahl (ed.), *Tense and aspect in the languages of Europe*, p.403-439. Mouton de Gruyter, Berlin, 2000.

Yao, Xinyue, „*Developments in the use of the English present perfect: 1750-present*“, em *Journal of English Linguistics* 42(4), p.1–23, Sage, 2014

Žic Fuchs, *Kognitivna lingvistika i jezične strukture: engleski present perfect*, Nakladni zavod Globus, Zagreb, 2009.